

“DIAGNÓSTICO DA PERCEPÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL DE PROFESSORES EM XERÉM (DUQUE DE CAXIAS/RJ) E AS RELAÇÕES COM O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO”

Mauro Guimarães¹

O presente artigo é fruto de um acompanhamento de campo junto a professores de Xerém, como forma de estar refletindo ancorado por uma prática, que venho desenvolvendo como parte de minha Tese de Doutorado – “Professores em Xerém: reflexões para a formação de Educadores Ambientais em uma perspectiva crítica”; a ser defendida em 2003.

Esta proposta de estudo se contextualiza em minha história de vida, na qual me envolvi com a Educação Ambiental na década de 80, como um professor procurando inserir a dimensão ambiental na realidade escolar que vivenciava e, em paralelo, adquirir uma melhor formação para essa temática. Passei a trabalhar, mais especificamente, com a formação de Educadores Ambientais a partir de 1993. Primeiramente, na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, na equipe de “capacitação” (termo da época) da Comissão de Educação Ambiental desta Secretaria. Posteriormente, venho realizando consultorias nesta área e atuando como professor e/ou coordenador de cursos de atualização e de Pós Graduação em diferentes Instituições de Ensino Superior. Assim como também, desde 1998, venho ministrando a disciplina de Educação Ambiental para o Curso de Graduação em Pedagogia.

Refletindo e refletido por esse contexto é que venho desenvolvendo minha Tese, como forma de dar continuidade a um caminho individual e coletivo de produção teórica, mas reciprocamente subsidiando e subsidiado por uma prática comprometida com a formação de educadores aptos a inserir criticamente essa dimensão ambiental em suas práticas pedagógicas.

Portanto, substanciado por essa trajetória, é que venho, desde a minha Dissertação de Mestrado (1996), procurando demarcar um campo de disputa entre perspectivas mais críticas e conservadoras, que vem se constituindo na consolidação da Educação Ambiental brasileira. Este artigo se enquadra neste esforço, quando objetiva estabelecer relações entre padrões de percepções levantados ao longo de meu percurso como Educador Ambiental, e a realidade de Educadores de Xerém.

¹ Doutorando do CPDA/UFRRJ; Professor e Pesquisador do Programa de Estudos Ambientais da UNIGRANRIO (D. Caxias/RJ) na área de Educação Ambiental; Mestre em Educação – UFF; Especialista em Ciências Ambientais – UFRRJ; Graduado em Geografia – UFRJ.

Do Universo de Estudo: Xerém

Esse artigo teve como objetivo estudar a realidade de professores, que atuam em Xerém e que estão procurando inserir a dimensão ambiental em suas práticas pedagógicas, a partir das suas compreensões sobre a problemática ambiental e as relações que estabelecem com o processo de modernização do espaço local.

Nosso universo de estudo situa-se em Xerém, 4º distrito de Duque de Caxias, junto à escarpa da Serra do Mar, afastado cerca de 20 quilômetros da sede do Município.

O Município de Duque de Caxias caracteriza-se, espacialmente e sócio-economicamente, por ser periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com uma extensa área urbana fortemente industrializada.

Esse recorte em Xerém, deve-se por ser esta uma interessante área de estudo que se situa na franja da Região Metropolitana do Grande Rio, mas ainda reconhecido por muitos por suas características de “ruralidade”².

Como particularidade do histórico local, até a década de 40, Xerém possuía uma pequena comunidade rural esparsa, dedicada a uma agricultura de subsistência. Com o decorrer da 2ª Guerra Mundial, o governo brasileiro decidiu instalar na localidade uma fábrica de motores para atender interesse militares da época. Com o final da Guerra, as instalações foram transformadas para a implantação da Fábrica Nacional de Motores (FNM), fabricante de caminhões. Esta indústria teve uma importância fundamental para a história de Xerém até a década de 60; trouxe toda uma infraestrutura, muita das vezes comparável até à da sede do município, tais como: hospital, escola técnica, cinema, transporte (trem e intensificação de linhas regulares de ônibus). Com tudo isso, a empresa centralizou a atividade econômica e social da localidade neste período. A maior parte destes benefícios não existem mais atualmente, fechados após o período de decadência resultante do encerramento das atividades desta indústria. Este fato tem um significado importante para a comunidade, pois existe o registro na memória coletiva de uma associação positiva com a idéia de industrialização/modernização.

Xerém hoje, é uma área pressionada pelo processo de modernização, caracterizada pela expansão urbano-industrial e sua racionalidade que traz agregada a degradação ambiental. Uma modernização do tipo centro-periferia, em que as áreas periféricas são carentes da ação do Estado, experimentando uma ocupação desordenada do espaço por uma população de baixa renda, muitas vezes constituindo-se como “cidades dormitórios”. Porém, reciprocamente, Xerém por seus aspectos naturais (floresta de encosta), a

presença da Reserva Biológica de Tinguá e ainda por constituir-se como um pequeno núcleo urbano, vem sendo divulgada pela mídia, potencializado pela associação da imagem de artistas como Zeca Pagodinho e Stênio Garcia, que possuem residência (sítios) no local, como um “Paraíso Ecológico”. A difusão desta imagem agrega um importante valor simbólico, para os de dentro e de fora da comunidade, que acarreta como consequência o despertar de uma identidade e, até mesmo, de interesses econômicos, como o ecoturismo e a especulação imobiliária, que valorizam a preservação ambiental, ou, pelo menos, a presença de uma natureza mais preservada.

A atração pela idéia do moderno, tão presente na lógica de difusão ideológica da racionalidade que permeia a sociedade contemporânea, reforçado por um passado histórico recente da comunidade, soma-se a uma atual valorização do natural, do “verde”. Estes aspectos aparentemente conflitantes dessa realidade, tornaram-na um campo fértil para as reflexões que pretendíamos desenvolver sobre: a percepção e as práticas de professores desta localidade acerca das questões ambientais provocadas pela contraposição entre o processo de modernização e a preservação da natureza.

Do Objeto de Estudo: Os Professores

Após um estudo preliminar de campo (final de 2000 e início de 2001), em que buscou-se uma primeira aproximação com a localidade: sua comunidade, sua história e realidade sócio-ambiental, partimos para a delimitação das escolas a serem trabalhadas. Definimos no início do 1º semestre de 2001 duas Escolas Públicas: a Escola Municipal Santa Rita e a Escola Municipal Santo Agostinho.

As escolas municipais são de Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), mas funcionando em diferentes realidades. A Escola Stº. Agostinho, de maior dimensão e maior número de professores e alunos, situa-se no núcleo urbano de Xerém, que tem características de uma ocupação adensada, desordenada, com impactos ambientais relevantes. Para facilitar a distinção entre as duas ao longo do texto, denominaremos de escola “urbana”, apesar de estarmos cientes da complexidade da definição entre urbano e rural. A E.M. Stª. Rita é uma pequena escola que está afastada uns seis quilômetros deste núcleo, em área de natureza bem presente. A denominamos de escola “rural”.

Nas duas unidades de ensino que foram estudadas, priorizamos o professor que já tinha motivação para o trabalho com as questões ambientais, já que, seguindo as diretrizes do próprio MEC, a Educação Ambiental não vem se implantando na rede de D. Caxias como uma disciplina escolar e sim, com a orientação de se estabelecer como um tema transversal no currículo escolar. Não privilegiamos, portanto, a

² Vale lembrar que a própria origem da palavra Xerém remete ao mundo rural, pois significa “milho pilado grosso que não passa na peneira”; e “dança de roda, ao som da sanfona”. Ver Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, RJ:

atuação em uma área de conhecimento ou a formação específica do professor. A identificação dos professores acompanhados se deu por nossa observação da rotina escolar, juntamente com o reconhecimento coletivo que nos indicou os professores que se identificam com a temática e “fazem alguma coisa”, segundo a expressão dos próprios colegas.

A partir dessa identificação, definimos dois professores da EM Stª Rita (“rural”) e cinco na Stª Agostinho (“urbana”). Procuramos ainda no 1º semestre de 2001, uma aproximação a esses professores, buscando estabelecer uma relação de confiança mútua. Depois desta conquista, passamos à acompanhar as atividades pedagógica dos professores ao longo do período letivo e, paralelamente, fomos construindo instrumentos para detectarmos a percepção deles sobre as questões levantadas.

É importante ressaltar que, partindo dessa situação particular encontrada em Xerém, buscaremos na Tese, através de teorizações e abstrações, uma relativa³ generalização das questões trabalhadas. Isso substanciado, como em Geertz⁴, pela postura de, ao invés de procurar compreender o fenômeno em sua generalidade (homogeneidade), buscar compreendê-lo em seus diferentes significados, em sua heterogeneidade, procurando analogias de lógicas do sistema e não suas características em si. Portanto, Xerém não se constituiu em um estudo de caso e sim, uma ancoragem para uma reflexão subsidiado em uma prática real, que se agregou a toda uma práxis minha como pesquisador e educador ambiental.

O acompanhamento destes professores se iniciou no 2º semestre de 2001 e se encerrou em setembro de 2002. Adotamos a observação participante como procedimento metodológico utilizado nessa investigação, assumido como descreve Becker (1994)⁵:

“O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.”

Concordando com Cardoso (1986), a observação participante é uma “*forma de desvendar os significados simbólicos*”, o que pode nos auxiliar a interpretar as comunicações simbólicas que se estabelecem nas relações intersubjetivas, “*...mas que, entretanto, deve ser completado pela observação dos comportamentos e de sua recorrência*.”. Em função dessas observações, é que estivemos nessa

Nova Fronteira, 1988.

³ “... a relativização *in actu* de conjuntos de proposições de uma teoria. Significam a construção de novas variantes e a abertura de novos caminhos sem os quais uma teoria não vive.” (PALMEIRA in: LOPES, 1976, p.XV).

⁴ Clifford Geertz, A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar,

investigação, não só buscando a percepção dos educadores acerca das questões trabalhadas, como também pesquisando os reflexos dessa percepção sobre suas práticas pedagógicas na dimensão ambiental.

Utilizamos-nos de quatro blocos de questionários abertos, construídos ao longo do processo e que nos serviram, além de fornecimento de dados, como orientadores da elaboração de roteiros semi-estruturados para entrevistas individuais e coletivas com esses professores.

Como características relevantes dos professores da escola “urbana”, 3 moram fora de Xerém (2 Caxias/1 Rio) e 2 são moradores do núcleo urbano de Xerém; 3 possuem formação superior (1 com Pós Graduação) e 2 com ensino médio (1 com adicional e 1 com superior incompleto). Dos professores da escola “rural”, 1 é morador do núcleo urbano de Xerém e 1 mora em Caxias; os 2 possuem Curso Superior e estão cursando Pós Graduação. Apenas um destes professores tem menos de 10 anos de magistério (6 anos). Todos os 7 professores, mesmo sem se entenderem como “especialistas” em Educação Ambiental (a maioria não teve nenhuma formação e quando ocorreu, se deu de forma superficial) se consideravam motivados e já procuravam trabalhar a questão ambiental em suas práticas pedagógicas, apesar de apontarem a desassistência do poder público para este trabalho específico.

Dos Caminhos da Investigação

No cenário mundial e nacional, refletindo no universo deste estudo (Xerém), vem crescentemente havendo uma contraposição (não hegemônica) à tradicional lógica dominante da expansão de um modelo de sociedade (urbano-industrial). Esta expansão se dá através do processo de modernização conservadora, baseado em paradigmas⁶ desenvolvimentistas, calcada na prevalência das necessidades econômicas sobre as necessidades sócio-ambientais, que traz como conseqüência a crise ambiental que já se instalou em toda a parte. No entanto, esta contraposição dada por uma recente valorização ao natural atrelado ao movimento ambientalista, parece não ter sido suficiente para criar uma tensão, que propicie uma postura crítica na sociedade frente aos paradigmas que consolidam a racionalidade dominante da sociedade moderna urbana-industrial.

Desde que as questões ambientais vêm ganhando peso nas preocupações mundiais é que as relações entre o modelo de desenvolvimento, o que constituiu a sociedade urbana-industrial contemporânea, e o meio ambiente, vem sendo profundamente questionado.

⁵ Howard S. Becker, Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1994.

⁶ Paradigmas aqui entendido como: “estruturas de pensamento que de modo inconsciente comandam nosso discurso.” (MORIN, 1997).

As idéias-forças associadas a esse modelo de desenvolvimento são a da modernização e progresso, que crêem em um caminho evolutivo a seguir, tendo como referencial de sociedade “desenvolvida”, aquelas que estão no centro do sistema capitalista, modelo hoje hegemônico em todo o mundo com o fim da bipolaridade; ou seja, o grupo de países ditos do norte.

Compreendemos a modernização como um processo de mudanças na qual determinada sociedade supera (“progresso”), ou melhor, sobrepõe estruturas tradicionais, criando novas formas de produção em que a urbanização e a industrialização, a ciranda financeira, o desenvolvimento tecnológico, dos sistemas de transportes e comunicações de massa são alguns dos fenômenos característicos deste processo. Essas mudanças, constituídas nos diferentes espaços urbano e rural, direcionam-se para a formação das sociedades modernas⁷, mercadologizadas tanto em escala regional, nacional quanto global, impulsionada por um modelo desenvolvimentista, com características inerentes de degradação ambiental. O modelo em questão prima pelos interesses privados (econômicos) frente aos bens coletivos (meio ambiente), consubstanciado-se em uma visão antropocêntrica de mundo, gerador de fortes impactos sócio-ambientais⁸.

Na realidade escolar brasileira, a Educação Ambiental vem se institucionalizando a partir de toda uma legislação e políticas públicas para o setor. Apesar de alguns avanços, como por exemplo a questão da abordagem interdisciplinar que prevaleceu pelo menos nas diretrizes das leis e políticas, há no entanto, no concreto do cotidiano escolar, segundo as minhas observações empíricas, uma fragilização desse processo pedagógico. Assim como na sociedade em geral, entre os professores predominam posturas pouco críticas, levando-os à reproduzir o discurso dominante, conservador, refletindo-se em práticas ingênuas, apesar de bem intencionadas.

Ao longo de meu percurso como Educador Ambiental, ancorado pela interlocução com outros pesquisadores, venho estabelecendo padrões de percepções levantados na realidade escolar. Tais como: a incipiente abordagem interdisciplinar (e transversal) alcançada nas ações; a perspectiva comportamentalista centrada no indivíduo em uma concepção atomizada; o não abandono da finalidade conteudista e informativa de transmissão de conhecimento; atividades pontuais descontextualizadas, como em eventos

⁷ Para Giddens (2000) “... sociedade moderna ou civilização industrial. Mais detalhadamente, está associada a : a) um conjunto de atitudes perante o mundo, como a idéia de que o mundo é passível de transformação pela intervenção humana; b) um complexo de instituições econômicas em especial a produção industrial e a economia de mercado; c) toda uma gama de instituições políticas, como o Estado nacional e a democracia de massa.”.

⁸ Em minha Tese, procuro em interlocução com vários autores, entre eles Bensaid, Carvalho, Foladori, Layrargues, Lima, Loureiro, Morin, Sachs, Santos, apontar a incompatibilidade dos paradigmas que consolidam a sociedade moderna, com a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável, um dos balizadores da constituição de uma Educação Ambiental Crítica.

comemorativos; entre outras que predominam nas práticas reconhecidas pelos professores como sendo de Educação Ambiental.

Neste artigo, ainda que parcialmente, e de forma mais conclusiva em minha Tese, venho analisando as dificuldades e os caminhos para a inserção de uma Educação Ambiental crítica no cotidiano escolar e como isso deve se refletir na formação do educador ambiental.

Em minha prática pessoal na formação de Educadores Ambientais, tenho realizado como ponto de partida, o levantamento da percepção individual e coletiva, e reciprocamente de construção de significados, das categorias/noções de “meio ambiente”, “problemas ambientais”, “desenvolvimento sustentável” e “cidadania”. Em consonância a isto, procuramos também neste estudo levantar com os professores de Xerém, as suas percepções a respeito destas (e outras) categorias/noções, assim como as relações que estabelecem (se estabelecem) entre as questões ambientais e o processo de modernização. Desta forma, procuramos identificar, na compreensão destes professores, a sua percepção sobre as questões ambientais, as visões sociais de mundo⁹ e os campos de disputa que conformam suas representações. A partir dessa investigação, buscamos compreender a relação que se estabelece entre suas percepções e suas práticas pedagógicas que buscam a inserção da dimensão ambiental. Entre as questões pertinentes analisadas nos professores, eram se suas práticas provocam e são provocadas por uma resignificação de suas percepções, caracterizando uma práxis.

Pretendeu-se com isso, situar a percepção-prática desses professores, nessa realidade estudada, frente ao embate que se coloca sobre os campos de disputa a respeito da significação de conceitos fundantes de uma Educação Ambiental. Como também, o embate¹⁰ entre posturas mais críticas, aptas a projetos pedagógicos voltados para a transformação da realidade sócio ambiental, e posturas mais conservadoras, voltadas para a reprodução e manutenção das estruturas sociais, seguindo a lógica dominante do atual modelo de sociedade, assim como da sua lógica em relação a natureza.

Das Percepções e Práticas dos Professores de Xerém

Aqui se colocam as primeiras considerações e problematizações para um maior aprofundamento na Tese.

⁹ Como entendido em Löwy (1994) “conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações, idéias e orientações cognitivas, internamente unificado por uma perspectiva determinada, por um certo ponto de vista socialmente condicionado” e complementado por Bourdieu *in*: Löwy (1994) “categorias de pensamento impensadas que delimitam o pensável e predeterminam o pensamento”.

¹⁰ Sobre estes embates ver em Guimarães (2000a,b); Loureiro et alli (2000)

A escolha de uma escola “urbana” e outra “rural”, tinha a intenção de apurar alterações nas percepções e práticas dos professores provocadas por meios físicos com características diferenciadas: “urbano” mais artificializado, “rural” mais naturalizado.

Não foram encontradas diferenças significativas nas percepções e práticas destes professores estudados. Todos os sete professores tem suas raízes no “urbano”, o que pode levar-nos a seguinte questão, que pude relacionar a uma percepção minha ao lecionar por cinco anos em uma escola rural (1988/1992 - Lumiar - Nova Friburgo/RJ): a inserção da dimensão ambiental na Educação tende a um caráter predominantemente urbano em seus discursos, mesmo quando desenvolvida no meio rural. Vários fatos assim o indicam - os livros didáticos, que tanto “orientam” os professores, são os mesmos do meio urbano e contextualizados sob a ótica deste meio; a presença significativa de professores formados no meio urbano; os programas e projetos encaminhado pela Secretaria de Educação geralmente desadaptados da realidade do meio rural; entre outros.

Sendo assim, a aproximação que os discursos “urbanizados” de Educação Ambiental desenvolvem neste meio rural se dá, geralmente, em desacordo com essa realidade, apenas encontrando ressonância devido ao atrativo que o discurso da modernidade causa nos espaços em que se expande. Desta forma, esse discurso pode vir a ser cooptado e servir ao próprio projeto de “modernização conservadora”.

Os professores a serem chamados a dar uma identidade a Xerém, foram recorrentes na associação ao verde, a natureza, que ressurgiram ao destacarem aspectos positivos de Xerém, refletindo a força simbólica da revalorização da natureza.

“É na contraposição à violência social e ambiental do mundo urbano que se afirma a nostalgia da natureza intocada. As paisagens naturais e a natureza de um modo geral passam a ser valor desejado pela sociedade.”

(Carvalho, 2001)

Quando pontuaram as principais questões ambientais, a água foi apontado por cinco professores e poluição, desmatamento, extinção (especificamente de animais) e energia, foram citados por três. Cabe a ressalva que este levantamento se deu no período de racionamento (apagão). Porém, ao apontarem os principais problemas ambientais do local, a poluição dos rios e/ou falta d'água foi apontado também por cinco professores. Esta percepção reflete uma carência muito significativa de Xerém, que é a precariedade do saneamento. Quando chamados a discutir essa questão e o problema do lixo, que apareceram também em outras situações, ficou marcada uma percepção de que esses problemas ambientais são causadas por uma ação técnica não realizada, em que algumas vezes relacionaram a omissão governamental. Não apareceu de forma significativa uma associação com uma questão social, inerente a própria lógica de

periferização constitutivo da organização espacial das sociedades modernas, principalmente de sociedades periféricas (terceiro mundistas) como a brasileira.

Há uma forte tendência neste grupo, possivelmente potencializado pelo histórico local, de positivar a idéia do moderno, associando a evolução, progresso, melhorias tecnológicas, de serviços e lazer. Para o não moderno apareceram a idéia de estagnação como “o que para no tempo”, e ainda relativo ao tecnológico, quando citaram mimeógrafo e máquina de escrever. Há também uma reafirmação da idéia de moderno como positivo, quando associam o não moderno a negatividade de ações ambientais incorretas como: não reciclar; jogar esgoto no rio; despejar lixo. No entanto, já aparece, ainda que de forma difusa, a tensão entre modernização e preservação da natureza, manifestada por um certo saudosismo do passado, quando não havia tanta agressão a meio ambiente.

Ao serem chamados a se posicionarem se eram favoráveis ou contrários a modernização de Xerém dois se colocaram contra, justificando-se pela preservação ambiental do local. Os cinco favoráveis, sem exceção, relativizaram a positividade associada ao moderno; ou por uma posição conformada - “sabemos que tudo na vida tem um preço”, ou, predominantemente, pela idéia de uma modernização “correta” - “planejada, organizada”; “desde que não exclua o ser humano”; “se for benéfica para a população”; “sem os aspectos negativos”. Ao incentivarmos o aprofundamento desta questão, revelou-se uma percepção no grupo, em que estes aspectos negativos do processo de modernização se davam por “algum erro do mecanismo”, “mau funcionamento”, como sendo um equívoco “comportamental” do sistema. Não foi estabelecido por eles, nenhum nexos destes aspectos negativos como inerente ao próprio processo de modernização.

Quanto a percepção sobre meio ambiente, prevaleceu em muitos momentos uma visão antropocêntrica e dicotomizada entre sociedade e natureza, o que inclusive favorece a uma compreensão fragmentada, sem estabelecimento de relações de interdependência, entre os problemas sociais e ambientais. Desta forma, corroborando com as questões dos aspectos negativos da modernização como um equívoco “comportamental” do sistema, a compreensão sobre os problemas ambientais caminham para a percepção comportamentalista. Essa percepção é mais centrada na ação individual equivocada, fora das relações sociais de produção, o que ficou mais nítido quando os professores procuraram identificar as causas dos problemas ambientais. Aqui também não foi estabelecido nenhum nexos significativo dos problemas ambientais, como decorrentes da constituição do modelo de sociedade moderna que se expande pelo processo de modernização.

Sendo assim, a percepção de desenvolvimento sustentável mais presente é a que associa a idéia de progresso, mais com a “correção do seu funcionamento”, agora respeitando o meio ambiente. A esta

mudança de rumo, alguns atribuíram ao exercício de cidadania. No entanto, significação dada à cidadania por eles é muito focado no indivíduo, “no exercício de seus direitos e deveres”. Ou seja, com a idéia de que cada um sendo um bom cidadão, “ecologicamente correto”, o resultado será uma sociedade com um desenvolvimento sustentável.

Estas percepções mantiveram uma coerência e evidenciaram-se ainda mais, quando os professores procuraram significar as suas compreensões sobre a Educação Ambiental. É muito presente a concepção de uma Educação voltada para a transmissão do conhecimento, de caráter informativa, o que reflete nas falas dos professores a permanente ocorrência das palavras “informar”, “esclarecer”, “conhecer”, como foco do processo educativo. Dentro desta perspectiva, eles consideram que um dos aspectos fundamentais da Educação Ambiental é o de transmitir conhecimentos corretos a respeito do meio ambiente. Acrescentam a esta concepção, com um peso até maior, a idéia de “ensinar” comportamentos corretos aos alunos: “respeitar a natureza”, “não destruir o meio ambiente”. Um outro aspecto destacado é o de sensibilizar os alunos para o natural, “vivenciar a natureza”.

A significação destes professores sobre conscientização se dá apoiado no máximo neste tripé: conhecimento; atitude individual; sensibilização. Mas numa concepção de Educação que centra o processo educativo no eixo professor→aluno, em que o professor ensina (transmite) e o aluno aprende um comportamento (conhecimento / atitude / sensibilidade) correto. Coerentemente a esta concepção, não foi ressaltado de forma significativa a dimensão política do processo educacional.

Ao identificarem uma atividade expressiva de Educação Ambiental realizada por eles e/ou colegas e explicitarem seus objetivos, surgiram: “caminhada ecológica”, “passeio ao rio”, “passeata ecológica” e “plantio de mudas na comunidade”. É interessante observar que todas as atividades propostas se realizam fora da escola. Ao serem questionados sobre isso, revelou-se uma clara intenção de se atingir a comunidade. Quanto aos objetivos das atividades se circunscrevem a idéia de conscientização descrita anteriormente, sem pretensões de uma mobilização política escola-comunidade.

As práticas destes professores acompanhados em Xerém, não apresentou diferenças significativas dos padrões de percepções que descrevi anteriormente; tais como: a incipiente abordagem interdisciplinar (e transversal) alcançada nas ações, apesar de demonstrarem um certo conhecimento sobre interdisciplinaridade. A perspectiva comportamentalista centrada no indivíduo em uma concepção atomizada. O não abandono da finalidade conteudista e informativa de transmissão de conhecimento. Atividades pontuais descontextualizadas, como em eventos comemorativos, não estando a Educação Ambiental inserida no cotidiano escolar.

Do Conhecimento Construído

É importante reafirmar que, o acompanhamento dos professores de Xerém não se constituiu em um estudo de caso e sim, uma ancoragem para uma reflexão subsidiado em uma prática real, e que este artigo, fruto deste esforço finalizado em setembro último, ainda são considerações iniciais, mas que servirão para consolidar as questões em desenvolvimento na Tese, ainda enriquecido pelo debate que este provocará.

Pretendemos nesse artigo refletir sobre a realidade de professores em Xerém que estão procurando inserir a dimensão ambiental em suas práticas pedagógicas a partir das suas compreensões sobre a problemática ambiental e as relações que estabelecem com o processo de modernização do espaço local.

Um dos pressupostos levados a campo e que se reafirmaram na realidade de Xerém é que: a contraposição à tradicional lógica dominante da expansão da sociedade moderna, dada por uma recente valorização ao natural, parece não ter sido suficiente para criar uma tensão, que propicie uma postura crítica na sociedade, e em particular junto aos educadores.

Como conseqüência deste pressuposto, como também baseado em observações empíricas realizadas em minha trajetória como Educador Ambiental e mais uma vez presenciada em Xerém, pode-se perceber uma fragilização do processo pedagógico nas tentativas de inserção da dimensão ambiental. Predominam entre os professores posturas pouco críticas, levando-os à reproduzir o discurso dominante, conservador, refletindo-se em práticas ingênuas, apesar de bem intencionadas.

Em função destas questões é que pretendemos neste artigo, ainda que parcialmente, e de forma mais conclusiva em minha Tese, analisar as dificuldades e os caminhos para a inserção de uma Educação Ambiental crítica no cotidiano escolar e como isso deve se refletir na formação do educador ambiental.

A crescente institucionalização no Brasil, veio a reboque da intensa valorização da Educação Ambiental no nível mundial. No entanto, esse processo não se fez devidamente acompanhado de uma discussão mais ampla e profunda por parte dos educadores brasileiros e da sociedade em geral.

Desta institucionalização, somada a um consenso na sociedade brasileira que reconhece na Educação Ambiental um importante instrumento para a superação dos graves problemas ambientais da atualidade, conforme demonstra Samyra Crespo (93 e 98) em suas pesquisas, resultam em uma forte demanda por práticas de Educação Ambiental no meio escolar. Tal demanda encontra, no entanto, de um modo geral, uma realidade em que professores não tiveram em suas formações a discussão da inserção ambiental no processo educacional. Assim como também não participam dessa discussão na sociedade, por se dar essa em fórum ainda restrito. Desta forma, acreditamos haver, como já afirmamos, uma tendência a fragilização deste processo pedagógico no concreto do cotidiano escolar.

Sendo assim, a falta de reflexão/teorização a cerca da Educação Ambiental, tanta pela falta desta discussão na formação destes professores, quanto na atualidade, pela ainda restrita discussão na sociedade, resulta em um ativismo ingênuo, apesar de bem intencionados, que não contribuem significativamente na formação de cidadãos, como sujeitos na construção de novas relações sustentáveis entre sociedade e natureza.

Dentro desta perspectiva, o educador tende a reproduzir o discurso “ambientalizado”, cooptado pela racionalidade dominante, suprimindo no ambiente escolar a dimensão política em sua intencionalidade de gerar práticas críticas e criativas.

A escola ao imprimir em seu cotidiano, através de seus educadores, a lógica de fragmentação, da individualização atomística de professores e alunos, descontextualizada, dificulta o estabelecimento de nexos e uma compreensão mais complexa da problemática ambiental, reproduzindo na escola, como reflexo da sociedade, o que Morin denomina de paradigma da disjunção. Essa racionalidade hegemônica na realidade escolar brasileira, fragiliza as possibilidades de um ambiente pedagógico propício a uma perspectiva crítica.

O aprofundamento destas questões na Tese, subsidiará um mapeamento de princípios para a formação de Educadores Ambientais, como forma de contribuir no aprofundamento da delimitação de uma Educação Ambiental de caráter crítico, em consonância com o esforço teórico de alguns pesquisadores da Educação Ambiental no Brasil, como Carvalho, Gadotti, Layrargues, Loureiro, Sorrentino, Reigota, entre outros. Tal esforço justifica-se como forma de se contrapor a um movimento de hegemonização que consolida uma concepção conservadora de Educação Ambiental.

Bibliografia

BENSAID, Daniel. *Marx o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CARVALHO, Isabel C. de M. *A Invenção Ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

_____. *A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica in: LOUREIRO et ali (org.) Sociedade e Meio Ambiente: a Educação Ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.*

_____. *Educação, Meio Ambiente e Ação Política*. In: ACSELRAD, Henri. (org.) *Meio Ambiente e Democracia*. Rio de Janeiro, IBASE, 1992.

_____. *Territorialidades em Luta : Uma Análise dos Discursos Ecológicos*. Rio de Janeiro, 1988. 133 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – IESAE/FGV.

CRESPINO, Samyra (et al.) *O que o brasileiro pensa do meio ambiente, do desenvolvimento e da sustentabilidade*. Rio de Janeiro: MAST/ISER/MMA/MCT, 1998.

- CRESPO, Samyra. LEITÃO, Pedro. *O Que o Brasileiro Pensa da Ecologia*. Rio de Janeiro: MAST/CETEM/ISER, 1993.
- FOLADORI, Guillermo. *Los limites del desarrollo sustentable*. Montevideo, Revista Trabajo y Capital, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, A. & PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental: no consenso um embate?*. Campinas: Papirus, 2000a.
- _____. *Educação Ambiental*. Duque de Caxias: Editora Unigranrio, 2000b.
- _____. *A Dimensão Ambiental na Educação*. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2001.
- LAYRARGUES, P.P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser tema um tema-gerador ou a atividade-fim da educação Ambiental?. In: REIGOTA, M. *Verde cotidiano: meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LIMA, G. F. da C. *Questão Ambiental e Educação: Contribuições para o Debate*. Revista Ambiente & Sociedade, ano II, nº 5, 2º semestre 1999, Campinas/SP:NEPAM.
- _____. *O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável*. (mimeo.), 1997.
- LOUREIRO, C.F.B. LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R.S. de. (org.) *Sociedade e Meio Ambiente: a Educação Ambiental em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- LÖWY, Michel. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo, Cortez, 1994.
- MORIN, Edgar. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- _____. Ciência com Consciência. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G. de; CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. C. de (Coord.). Ensaio de Complexidade. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Verde cotidiano: meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SACHS, Ignacy. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- _____. El desafío ambiental. In: SALOMÓN, J.J. e outros. Una búsqueda incierta. Ciencia, Tecnología y Desarrollo. Cidade do México, CIDE, 1996.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo / Razão e Emoção*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.